

**ROTA DO ROMÂNICO DO VALE DO SOUSA**

**ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO RURAL DAS TERRAS  
DO SOUSA**

**PÓS – GRADUAÇÃO**

**“TURISMO, ORDENAMENTO E GESTÃO DO TERRITÓRIO”**

**“Pontos de Interesse num Roteiro Turístico, entre Penafiel e Entre-os-Rios”**

**ANA CRISTINA COSME FERRAZ**

**ORIENTADOR:** Carlos Ferreira, Dr.

**VALE DO SOUSA**

**2006**

*“Montanha e planície resumem (...) o aspecto das duas metades de Portugal. Mas é preciso dar um toque nesta fórmula: montanha, com vastas áreas lisas onde o relevo se sente apenas nos ásperos declives que as limitam; planície, tantas vezes lentamente ondulada, com silhuetas azuladas de cimos no horizonte de quase todos os lugares. Em todo o caso, duas vocações humanas: de um lado, terras abertas, caminhos fáceis, vastas áreas permeáveis a influências estranhas por onde alastram os tons uniformes das mesmas civilizações; do outro, mil obstáculos que impõe ou permitem o isolamento, fundos vales que separam, montes que limitam, planaltos defendidos por ladeiras ínvias, terras pobres, primitivas, arcaizantes.”*

**Orlando Ribeiro, in Uma História de Séculos**

## **INDICE GERAL**

AGRADECIMENTOS .....	1
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>2</b>
<b>2. VALE DO SOUSA.....</b>	<b>3</b>
<b>3. ROTA DO ROMÂNICO.....</b>	<b>4</b>
<b>4. DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>5</b>
<b>4.1.OBJECTIVO .....</b>	<b>6</b>
<b>4.2. DESCRIÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>5. ENQUADRAMENTO .....</b>	<b>22</b>
<b>6. CONCLUSÃO .....</b>	<b>23</b>
<b>7. BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>24</b>

## INDICE DE FIGURAS

<b>Figura n.º 1</b> – Localização Geográfica do Vale do Sousa .....	3
<b>Figura n.º 2</b> – Eixo da Nacional 106.....	6
<b>Figura n.º 3</b> – Mosteiro de Paço de Sousa .....	8
<b>Figura n.º 4</b> – Castro no Monte do Mozinho.....	11
<b>Figura n.º 5</b> – Igreja de Cabeça Santa .....	12
<b>Figura n.º 6</b> – Arcas Sepulcrais .....	13
<b>Figura n.º 7</b> – Balneário das Termas de S. Vicente .....	14
<b>Figura n.º 8</b> – Aspecto das adegas típicas.....	14
<b>Figura n.º 9</b> – INATEL.....	15
<b>Figura n.º 10</b> – Igreja da Eja.....	16
<b>Figura n.º 11</b> – Paisagem que se vislumbra da igreja da Eja .....	17
<b>Figura n.º 12</b> – Entre-os-Rios.....	17
<b>Figura n.º 13</b> – Barracas de doces regionais .....	19
<b>Figura n.º 14</b> – Procissão de Entre-os-Rios .....	20

## **AGRADECIMENTOS**

Desejo expressar o meu sincero agradecimento a todos os colegas e formadores da AderSousa, pelo apoio prestado na realização do curso “Turismo, Ordenamento e Gestão do Território”.

Gostaria de agradecer especialmente ao Dr. Carlos Ferreira, pela disponibilidade e apoio prestado na orientação do meu trabalho final.

## **Turismo, Ordenamento e Gestão do Território**

### **1. Introdução**

Cada vez mais a importância do turismo toma a sua relevância na nossa sociedade. Contudo várias definições existem em volta deste conceito, que até ao momento ainda não teve nenhuma aceitação generalizada. Mas mesmo assim, podemos interpretar o turismo como uma actividade, que envolve práticas de lazer e recreio desenvolvidas fundamentalmente no quadro dos tempos livres. Por conseguinte, quando falamos de turismo não podemos deixar de ter em consideração o seu marco de referência, o tempo livre. O facto é compreensível se atendermos que o turismo faz parte do lazer, e este último faz parte do tempo livre (Henriques, Cláudia).

Assim, torna-se legítimo relacionar o Turismo com o Ordenamento e Gestão do Território, pois as políticas de Ordenamento fixam-se substancialmente na salvaguarda dos recursos naturais, das benfeitorias e na procura de soluções que previnam e minimizem conflitos. Pretende-se assim resolver incompatibilidades entre actividades de modo a não pôr em causa o uso dominante que se pretende garantir na unidade territorial em questão. Tanto o ordenamento como o planeamento têm por objecto a organização e a gestão do espaço territorial mas operam a escalas diferentes (Partidário, Maria do Rosário).

Perante o relacionamento destes três conceitos, (Turismo, Ordenamento e Gestão do Território), é compreensível que a Comunidade do Vale do Sousa, tenha criado a Rota do Românico, pois trata-se de uma das regiões portuguesas mais significativas no que respeita à arte românica.

## Turismo, Ordenamento e Gestão do Território

### 2. Vale do Sousa

A região do Vale do Sousa, situa-se numa zona de transição entre a Área Metropolitana do Porto e o interior da Região Norte, integrando-se na NUT (Nomenclatura de Unidades Territoriais) III do Tâmega. O Vale do Sousa confina a norte com o Vale do Ave, a sul com Entre Douro e Vouga, a poente com a Área Metropolitana do Porto, e a nascente com o Baixo Tâmega.

O Vale do Sousa congrega os concelhos de, Castelo de Paiva, Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira, Paredes e Penafiel. Os seis concelhos integram um conjunto de 144 freguesias, que abrangem uma área de 767,1km<sup>2</sup>, representando 3,6% do total da região Norte. Onde residem 327.808 habitantes, cerca de 9% da população da região Norte, o que implica uma densidade populacional de 427 habitantes por Km<sup>2</sup>.



**Figura nº1** – Localização Geográfica do Vale do Sousa

**Fonte:** VALSOUSA

### **3. Rota do Românico**

A Associação de Municípios do Vale do Sousa em parceria com algumas entidades e no âmbito do Programa Operacional do Norte – Operação no contexto da medida 2.4 – AIBT do Vale do Sousa, desenvolveu o projecto a **“Rota o Românico no Vale do Sousa”**. Este projecto teve o seu início em 2003, constitui o arranque de um projecto que pretende aproveitar o património histórico e arquitectónico, e criar um produto turístico e promoção da imagem deste espaço regional, atraindo visitantes estrangeiros e promovendo a sua dinamização. Aproveitando as enormes potencialidades do Vale do Sousa que possui em termos paisagísticos, monumentais, culturais, gastronómicos e outros. Sendo o principal objectivo posicionar o Vale do Sousa como destino português do românico. Na classificação do Património foram apontados 21 objectos integrantes da Rota do Românico do Vale do Sousa (RRVS).

## **Turismo, Ordenamento e Gestão do Território**

### **4. Desenvolvimento**

A Rota do Românico que visa a conservação, valorização e dinamização de património histórico construído. Não deixando de encarar o espaço envolvente como um recurso, com uso racional, sustentável do território e isto só é possível quando as diferentes actividades, promoção da qualidade ambiental, produção agrícola e florestal, desenvolvimento urbano, turismo e recreio, se desenvolverem nos locais com aptidão apropriada e se exercerem de forma adequada (cumprindo limiares de intensidade de uso, limiares de densidade de carga turística, etc.). (Abreu, Margarida).

Aproveitando, todos estes recursos, decidiu-se fazer um trabalho sobre o Concelho de Penafiel, pois encarando globalmente, temos um território que assumindo o seu urbanismo é privilegiado com Quintas, belas áreas rurais e riqueza fluvial, que complementam toda a riqueza da Rota do Romântico. No aro da cidade, as tradicionais quintas e os amplos espaços rurais são garante de uma qualidade de vida superior, onde a sobre – ocupação e a industrialização selvagem não encontram lugar, num esforço de equilíbrio com a paisagem humanizada bem sedimentada, sempre verde.

Este característico rincão de Entre Douro e Minho, banhado pelos rios Douro, Tâmega e Sousa, dispõe ainda de condições excepcionais para o turismo cultural e de lazer, não se cansando o visitante de percorrer os seus monumentos, da Pré-história à actualidade, de se deixar envolver pela ambiência rústica de tantas aldeias bem preservadas, de desfrutar de uma paisagem plurifacetada, de recorrer às suas instâncias termais, de usufruir dos magníficos lençóis aquáticos formados nas albufeiras dos rios, de saborear uma gastronomia própria (Associação de Municípios do Vale do Sousa).

## Turismo, Ordenamento e Gestão do Território

### 4.1. Objectivo

Por todas estas características, que o território do Vale do Sousa oferece fez-se uma análise sobre a Nacional 106, entre Penafiel e Entre-os-Rios, onde se pretende realçar todos os pontos de interesse turístico aliado à gestão do território. Esta análise pode ter como base a pretensão de ser um “Roteiro Turístico” dentro do próprio Vale do Sousa, onde os turistas podem num fim-de-semana, aproveitar toda a beleza que esta zona de Penafiel pode oferecer, dentro do contexto da já referida Rota do Românico.



Figura nº 2 – Eixo da Nacional 106

Fonte: Mapa de Portugal

## Turismo, Ordenamento e Gestão do Território

### 4.2. Descrição

Saindo da cidade de Penafiel, rumo a Entre-os-Rios temos logo a oportunidade de encontrar belas paisagens verdejantes, que completam o nosso horizonte. Ao admirar essa paisagem, podemos logo virar a nossa direita que após andarmos um pouco, encontraremos o belo Mosteiro de Paço de Sousa, mosteiro este que tem bastante importância a nível histórico e religioso. Inserido na Rota do Românico, este mosteiro datado de 926, está situado num amplo parque tratado na povoação de Paço de Sousa, numa colina fronteira ao Rio Sousa, em área tratada paisagisticamente e sem qualquer construção perturbadora em redor. Um primeiro Mosteiro foi fundado neste local, onde antes existira uma *villa* romana, tratava-se de um mosteiro familiar, que foi depois transformado em mosteiro misto, cuja nova construção seria consagrada pelo Bispo D. Pedro de Braga em 1088.

Em 1106, Egas Moniz, tutor de Afonso Henriques, lega-lhe metade da sua vasta fortuna, com indicação expressa de ali querer ficar sepultado, com a sua mulher, ocorrendo a sua morte em 1146. Sendo nesse período que o mosteiro passa para as mãos dos beneditinos cluniacenses, que irão promover, a grande campanha de obras, culminando na igreja e conjunto monástico que hoje podemos ver. Trata-se de um templo grandioso, invulgar no românico nacional, onde a influência coimbrã é bem notória, seja ao nível da construção como da decoração.

## Turismo, Ordenamento e Gestão do Território



**Figura nº3** – Mosteiro de Paço de Sousa

**Fonte:** Autor

Continuando a aproveitar a beleza destas paisagens podemos seguir em frente e ir visitar o Monte do Mozinho. Tratando-se de uma cidade morta, é sem dúvida um lugar de passagem de arqueólogos e turistas. A enorme área que ocupa, a facilidade com que as estruturas se vêm à flor da terra e o abundante espólio de superfície, foram causa de grandes destruições produzidas pela busca de tesouros, reais ou encantados, também motivaram sucessivas gerações de investigadores, nacionais e estrangeiros, atraídos por essa inquietante combinação entre indigenismo e romanidade que se tornou imagem de marca de Mozinho e paradigma no Noroeste Peninsular.

## **Turismo, Ordenamento e Gestão do Território**

Em localização central no actual concelho de Penafiel, o castro ocupa um cabeço granítico com 408 metros de altitude, na periferia da serra do mesmo nome. O seu posicionamento estratégico permite-lhe abarcar um larguíssimo panorama, que se estende a Norte até às serras de Santa Catarina, de Monte Córdoba e de Vandoma, para Este passa o Tâmega para esbarrar nas cumeadas do Marão, e em sentido Sul chega muito além Douro, ao Montemuro.

Tendo em conta o horizonte mais próximo, diríamos que está implantado num local dominante à depressão formada pelo curso superior do rio, sobre o extenso e fértil vale que é caminho natural de ligação Norte/Sul, certamente desde sempre utilizado e hoje percorrido pela estrada que une Penafiel a Entre-os-Rios.

Rico em nascentes de água, rodeado por terras agricultáveis que sobem até à periferia da muralha, dispondo a Nascente de um extenso planalto ainda intensamente utilizado há poucas décadas para pastorar rebanhos e estabelecer colmeias, Mozinho oferecia recursos naturais favoráveis à opção histórica de fixar uma população significativa, aglomerada dentro de um espaço delimitado, sustentável e estrategicamente colocado sobre a importante via inter-regional. Pouco distantes ficavam as minas de ouro exploradas pelos romanos, de Sobreira/ Castromil, da serra das Banjas e mesmo de Valongo.

Monte Mozinho é o topónimo que utilizamos para designar este grande povoado de altura concentrado e fortificado, um castro, do qual não se conhece o nome antigo. Também não se sabe identificar o povo que aqui habitou. Pelo que hoje conhecemos, foi fundado só depois do momento da conquista do noroeste por Augusto, ou seja muito perto da mudança de era. Amuralhado, extenso e concentrando bastante população, o castro teve de ser erguido já com licença dos novos donos da terra, se não mesmo por incentivo deles, que procuravam assim reunir populações dispersas por

## **Turismo, Ordenamento e Gestão do Território**

pequenos castros, e dar-lhes uma organização político-administrativa com a qual pudessem dialogar.

O primeiro tempo de Mozinho é aquele que decorre entre a sua fundação, na época de Augusto, e o governo dos dois imperadores que lhe sucederam. Foi o momento de se erguerem as muralhas que definem o perímetro habitado e o diferenciam do território envolvente, menos humanizado; de construir habitações, casas -pátio em que dominam os aposentos de planta circular tradicional, ordenadas entre ruas calcetadas que se cruzam, de forma planeada. Diremos que quem aqui vivia nesta época, fazia-o segundo formas de estar de tradição pré-romana, castreja, sendo os bens importados de outras regiões do império ainda escassos, mas certamente muito importantes para marcar o estatuto social dos detentores.

Mozinho está enquadrado numa paisagem cada vez mais ocupada, em que as estações arqueológicas são numerosas e ilustram tipos de implantação muito variados, como aldeias com os seus cemitérios de dezenas de sepulturas, casais isolados ou balneário termal de S. Vicente do Pinheiro.

Fora da muralha exterior, que delimitava o espaço habitado pelos vivos, mas contíguo a ela, encontramos o território dos mortos, a(s) necrópole(s), seguindo a prescrição de exclusão consagrada na lei romana desde tempos remotos. Uma área de enterramentos, a Norte do povoado, foi utilizada do século I ao IV d. C., originando uma grande concentração de sepulturas de diversas épocas e características, mas todas elas contendo dádivas e por vezes epígrafes, ([www.cervantesvirtual.com](http://www.cervantesvirtual.com)).

Todos os anos, há campanhas de escavação, bem como investigação, e todo este espólio exumado é depositado no Museu Municipal de Penafiel.

Assim, não fazia sentido o Mozinho não fazer parte da Rota do Românico, mesmo não sendo da era românica. Pois trata-se de um grande marco de

## Turismo, Ordenamento e Gestão do Território

história, que tem muita procura turística tanto pelo castro em si, como também pela posição geográfica em que se encontra, onde proporciona belas paisagens oferecidas pelo próprio ordenamento do Território.

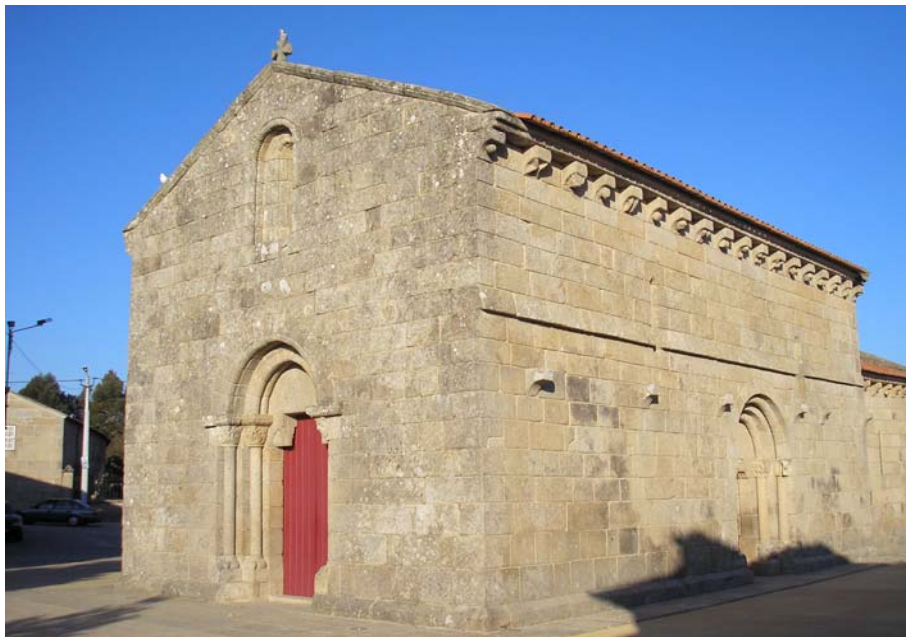


**Figura nº4** – Castro no Monte do Mozinho

**Fonte:** Autor

## **Turismo, Ordenamento e Gestão do Território**

Depois de termos apreciado a beleza do espaço do Parque do Mozinho, podemos continuar pela Nacional 106, onde mais a frente podemos visitar a Igreja de São Miguel de Gândara em Cabeça-Santa. Construção já da primeira metade do século XIII, a sua fundação aparece ligada a uma provável devoção de D. Mafalda, mulher de D. Sancho, à relíquia de uma personagem consagrado que aí se guardaria, a Cabeça Santa que deu origem ao topónimo e de que não restou qualquer outra memória mais precisa. A decoração escultórica desta igreja é rica e variada remetendo sempre para o grande modelo de Paço de Sousa. Não deixando as três arcas sepulcrais, colocadas no adro, que muitos visitantes suscita.



**Figura nº 5 – Igreja de Cabeça Santa**

**Fonte:** Autor

## Turismo, Ordenamento e Gestão do Território



**Figura nº 6** – Arcas Sepulcrais

**Fonte:** Autor

Depois de uma visita tão agradável, podemos parar nas Termas de S. Vicente, que se encontram situadas num local verdadeiramente paradisíaco, pelos montes, vales e rios que embelezam a região, é um espaço muito bonito com um leque de “pequenas” ofertas. Trata-se de um espaço que já teve muita procura turística devido as suas águas termais, que são de excelente qualidade. Pois antigamente, ir para as termas, significava procurar tratamento para qualquer doença ou mal corporal. Hoje, essa motivação continua, embora muitos dos que vão para as termas o façam com a intenção de se restabelecer do “stress”, provocado pela vida quotidiana, e para conservação da saúde. O conhecimento das virtudes curativas de certas águas vem já da antiguidade. Começa com as Lendas da água da juventude que fazia com que os velhos ficassem novos. Mas pouco a pouco as qualidades terapêuticas das águas vão-se dando a conhecer. Hoje a fama é devido especialmente no tratamento de reumatismos, afecções respiratórias, perturbações do aparelho locomotor e desintoxicações, como é o caso das águas desta zona, ([www.esec-alfredo-silva.rcts.pt](http://www.esec-alfredo-silva.rcts.pt)).

## Turismo, Ordenamento e Gestão do Território



**Figura nº 7** – Balneário das Termas de S. Vicente

**Fonte:** Autor

Estando agora um pouco parado, pois devido ao encerramento do balneário, as pessoas afastaram-se um pouco, procurando as águas do INATEL que se encontra próximo.

Mas enquanto se aguarda a sua reabertura, que já é um dado adquirido, deve-se aproveitar os magníficos petiscos que existe por estas paragens, nas adegas típicas da região.



**Figura nº 8** – Aspecto das adegas típicas

**Fonte:** Autor

## Turismo, Ordenamento e Gestão do Território

Após o conhecimento da gastronomia típica, poderemos continuar, parando entretanto para visualizar as instalações do INATEL, que possuem também maravilhosas águas termais. O INATEL fica situado a 3 km da pitoresca povoação de Entre-os-Rios e próximo da marginal do Douro.

Dentro da propriedade existe O Centro de Férias, que se encontra rodeado por um parque arborizado, sereno e verdejante, proporcionando um descanso e lazer únicos e uma óptima alternativa ao afã citadino. As termas, outrora frequentadas por Ramalho Ortigão, são procuradas por quem deseja aliar a doçura da natureza à mais eficaz terapia, ([www.esec-alfredo-silva.rcts.pt](http://www.esec-alfredo-silva.rcts.pt)).



**Figura nº 9 – INATEL**

**Fonte:** Autor

## Turismo, Ordenamento e Gestão do Território

Mais abaixo podemos, podemos vislumbrar a igreja de S. Miguel de Entre-os-Rios, na Freguesia da Eja, encontra-se em meio rural, no cimo de uma plataforma rochosa elevada, dominando uma vasta panorâmica sobre a paisagem circundante, incluindo os Rios Douro e Tâmega.



**Figura nº 10** – Igreja da Eja

**Fonte:** Autor

Esta pequena igreja, é de muito difícil acesso, pois está praticamente sempre fechada. Mas esta situação é bem compensada pela paisagem magnífica que é possível observar, onde conseguimos perfeitamente conjugar o que os nossos olhos vêem, com a conjectura que o ordenamento do território nos oferece.

## Turismo, Ordenamento e Gestão do Território



**Figura nº 11** – Paisagem que se vislumbra da igreja da Eja

**Fonte:** Autor

Após uma visita detalhada destes monumentos do Românico, é sempre interessante terminar o passeio junto a Entre-os-Rios, onde é possível observar toda a beleza que a Natureza nos proporciona.



**Figura nº 12** – Entre-os-Rios

**Fonte:** Autor

## **Turismo, Ordenamento e Gestão do Território**

Entre-os-Rios, povoação ribeirinha do concelho de Penafiel, situada a 40Km da cidade do Porto. Desde sempre foi uma zona muito procurada, tanto a nível de turismo como centro de negócios. Sendo um local de passagem, entre Trás-os-Montes e o Porto, era também um local propício para feiras onde todos os senhores da região se deslocavam.

Foi o principal Cais Comercial de navegabilidade do rio Douro, entre o Alto Douro e a cidade do Porto, nos históricos barcos Rabelos, esta localidade teve um período de grandes progressos no último quartel do século XIX e no primeiro do século XX.

A construção da ponte Hintze Ribeiro em 1887 fez expandir a rede viária para sul; a criação das Termas em 1894; a função de Companhia de Viação Paivense em 1910; a inauguração da estação Telegrafo – Postal em 1897; a chegada da linha de Caminho de Ferro em 1915; a fundação dos Bombeiros Voluntários em 1923; a iluminação pública no início do século XX, transformaram Entre-os-Rios na terra mais progressiva do concelho de Penafiel.

Toda esta gama de equipamento social aliada ao vasto património histórico, monumental, termal, fluvial, paisagístico, religioso e gastronómico; contribuiu para que Entre-os-Rios fosse dos primeiros sítios do País a ser classificado, como Zona Turística em 1921.

Apesar da estagnação porque passou nos últimos 50 anos, devido ao fim dos transportes fluviais, Entre-os-Rios mantém todo o restante património de interesse turístico acrescido nova navegabilidade do rio Douro e da albufeira da barragem Lever/Crestuma que possibilita a prática de desportos fluviais.

## Turismo, Ordenamento e Gestão do Território

Não deixando de ser um ponto de interesse turístico. Hoje, continua a ser um local de passagem, onde as pessoas gostam de parar junto das barraquinhas que lá existem. Para saborear os doces regionais (figura nº12) de fabrico caseiro, como o pão “amarelo”, as cavacas e os “rosquilhos”, sendo estes um grande marco de referência nesta zona.



**Figura nº 13** – Barracas de doces regionais

**Fonte:** Autor

Nos meses de Fevereiro e Março, muitos são os caminhos que vão dar a Entre-os-Rios, devido a gastronomia, existindo mesmo a Rota da Lampreia. Pois este ciclóstomo faz com que muita gente se desloque a esta zona.

O objectivo é a promoção conjunta dos diversos produtos turístico -culturais da zona de Entre os Rios, partindo do excelente produto gastronómico que é a lampreia. Mas também para promover a região ao nível da restante gastronomia, cultura, produtos regionais, paisagens naturais e suas potencialidades.

## Turismo, Ordenamento e Gestão do Território

A Gastronomia e os vinhos se, por um lado, se reflectem no grau de satisfação genérica dos turistas, por outro, constituem elementos importantes para a atracção de correntes, quer internas, quer externas. Sendo este um factor de grande importância a nível turístico e económico, pois trata-se de umas das principais actividades económicas nesta altura do ano.

Outro ponto alto em Entre-os-Rios, é a procissão das velas (Endoenças). “Trata-se de um evento de turismo religioso ímpar no nosso país, no qual 41 mil tigelinhas iluminam as ruas, as casas e os rios Douro e Tâmega, na noite de Quinta-Feira Santa, criando um cenário único e inesquecível”, (Junta de Turismo de Entre-os-Rios). A Procissão das Endoenças, que se realiza há cerca de 300 anos, sai, ao anoitecer, da igreja paroquial de Santa Clara do Torrão, no Marco de Canaveses. O cortejo religioso encaminha-se, depois, para Entre-os-Rios, no concelho de Penafiel, onde tem lugar o "Sermão do Encontro", entre Jesus Cristo e Nossa Senhora das Dores.



**Figura nº 14** – Aspecto de Entre-os-Rios na noite da Procissão

**Fonte:** A. Leitão

## **Turismo, Ordenamento e Gestão do Território**

A procissão só regressa ao local de partida no dia seguinte. À tarde, o cortejo sai de Entre-os-Rios para voltar ao Torrão.

"Segundo a liturgia católica, as Endoenças são uma designação muito antiga que se referia à Sexta-Feira Santa, dia de indulgência na Península Ibérica, no qual era dada a absolvição geral aos fiéis. Ao longo dos tempos, a designação mudou para o dia anterior, que, no rito romano, era o das "Indulgências", passando mais tarde a referir-se apenas à Quinta-Feira Santa", explica a referida nota informativa da Junta de Turismo de Entre-os-Rios.

## **Turismo, Ordenamento e Gestão do Território**

### **5. Enquadramento**

O objectivo é a promoção conjunta dos diversos produtos turístico -culturais de toda a zona envolvente que vai de Penafiel para Entre-os-Rios, partindo dos excelentes produtos que nos pode oferecer. Mas também aproveitar este momento para promover a região ao nível da gastronomia, cultura, produtos regionais, paisagens naturais e suas potencialidades.

A Gastronomia e os vinhos se, por um lado, se reflectem no grau de satisfação genérica dos turistas, por outro, constituem elementos importantes para a atracção de correntes, quer internas, quer externas,

Entre-os-Rios, é uma “chave” muito importante na própria Rota do Românico, pois a par desta rota existe outro tipo de projectos turísticos, como por exemplo a valorização do Douro Internacional, que pode interagir de forma positiva com a Rota do Românico.

Fazendo com que estes factores sejam um estímulo para reposicionar Entre-os-Rios como destino de turismo e lazer

## **Turismo, Ordenamento e Gestão do Território**

### **6. Conclusão**

Perante todo o percurso que se faz, neste roteiro, vimos que o Turismo está sempre interligado com o Ordenamento e Gestão do Território. Pois as políticas de Ordenamento fixam-se substancialmente na salvaguarda dos recursos naturais, como se pôde observar no monte de Mozinho e por conseguinte na Região de Entre-os-Rios.

Toda esta região em que esta Rota do Românico está inserida, ainda está longe de se poder considerar um destino turístico habitual. Mas tem muitos factores positivos que podem desenvolver um conjunto integrado de acções, visando, por um lado, o reforço de auto estima dos naturais e residentes, e, por outro, a criação de variáveis de atractividade para visitantes e turistas.

## Turismo, Ordenamento e Gestão do Território

### 7. Bibliografia

HENRIQUES, Cláudia; (2003). **Turismo Cidade e Cultura** – Planeamento e Gestão Sustentável; primeira edição – Lisboa, Edições Sílabo.

PARTIDÁRIO, M.<sup>a</sup> do Rosário; (1999). **Introdução ao Ordenamento do Território**; Lisboa: Universidade Aberta.

SOEIRO, Teresa; (1994). **Penafiel**; primeira edição – Lisboa, presença.

CMP; Revista Penafiel, (2003).

[www.cervantesvirtual.com](http://www.cervantesvirtual.com)

[www.esec-alfredo-silva.rcts.pt](http://www.esec-alfredo-silva.rcts.pt)

[www.revista-portugal-local.pt](http://www.revista-portugal-local.pt)